

Real, simbólico e imaginário

A trindade infernal de Jacques Lacan

Marcus André Vieira



O Real e o Jaguadarte♦

♦ Terceiro encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 24/09/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

O real da psicanálise

Hoje falaremos especificamente do Real lacaniano. A conferência “O simbólico, o imaginário e o real” que praticamente inaugura o ensino de Lacan prossegue sendo nosso ponto de partida. Nela, Lacan aproxima o real tal como ele se apresenta em uma análise do “dom de um filho”.¹ Se há algo que dê uma ideia para nós do que é o real numa análise, é pensar o nascimento recente de um filho para alguma mãe. É uma presença que ao mesmo tempo ela conhece, e desconhece completamente. Dito ainda como o formula Lacan nessa conferência: “Na experiência analítica, para o sujeito, o real é sempre o choque com alguma coisa”.²

Tendo essas indicações presentes no espírito, evitamos o que eu chamarei de deriva metafísica lacaniana, expressa em dois extremos opostos. Por um lado, o real seria o zero absoluto, o silêncio e a escuridão. Ontologia negativa, metafísica da presença, criticadas tanto por Derrida³ quanto por Badiou.⁴ Não trataremos hoje dessa deriva quase teológica do real lacaniano, tomado como o silêncio absoluto das pulsões a que se deveria chegar ao final de análise. Fica muito claro como isso é transformar a análise em uma ascese espiritual e só.

Quero insistir, com este exemplo de Lacan, em outra dificuldade que seria tomar o real como puro acaso. Isso ainda é dar-lhe nome e endereço fixo, por paradoxal que pareça. O real como pura contingência não nos livra de uma ontologia negativa. Pode-se dizer que umas das aproximações do real lacaniano é a contingência, mas promover a contingência não garante falarmos do real lacaniano. Primeiro, porque a contingência pura em si não existe. Não há metamorfose ambulante, como cantava Raul Seixas, sem o material que se metamorfoseia, não há contingência sem a matéria que se apresenta contingentemente. Portanto, em análise e contingência é sempre de um encontro, que Lacan define como faltoso, desencontrado, com o real.⁵

A ideia da contingência em uma análise é outra coisa. É possível durante uma análise acontecer, por exemplo, um terremoto. Mas seria isso o real do qual estamos falando? Não. Lacan usa esses exemplos para desenhar alguma noção para nós.

Se um caminhão me atropela quando saio na rua, o real não é o caminhão nem os inescrutáveis desígnios do imprevisto que o puseram ali. O imprevisível do acidente em si, não é o real, mas sim, o encontro com um caminhão naquele momento como

encontro com alguma coisa que parece dizer de mim mais do que é possível dizer e que não consiste nem no caminhão, nem no acidental do acidente. A contingência do nascimento de um filho é o encontro com alguma coisa que é surpresa, que a seguir parecia só poder ser assim e que ao mesmo tempo transborda todas as previsões.

A vida é maior do que vivemos. Maior do que podemos sentir, compreender, dizer, pensar e todos os outros verbos que denotam o que chamamos de imaginário, ou seja, tudo aquilo que para nós desemboca em um saber “redondo”. O problema é o que fazer com esse ‘a mais’. Não é, por exemplo, por que se ri ou se chora muito que se está vivendo tudo que a vida tem para ser vivido. Aquilo que da vida extrapola, é possível de ser sentido, é real, e aparece conjugado a coisas que não necessariamente podem ser sentidas ou completamente entendidas, são coisas que não encaixam, que não tem vivência concreta. Aquilo que da vida não se justapõe ao humano aparece naquilo que é desumano. Esse ‘a mais’ da vida geralmente se apresenta como vazio ou irrepresentável.

A vida é maior e menor que o “pão, pão; queijo, queijo” do cotidiano. Porém, não é para ficarmos com uma ideia de fora, esse ‘a mais’ aparece dentro da vida. O que não couber na nossa cultura não vai se apresentar como extra ou supracultura, mas como intra, como buraco sob nossos pés, como fantasma, como lusco-fusco atordoante, e não como um sol mais potente que o nosso sol.

A vida, o sentido, e o sentimento das coisas, não cessam de se escrever ou não param de se escrever. Aquilo que excede, que aparece como escuridão, vazio, surpresa, não cessa de não se escrever - que é a definição do impossível. Então, tudo o que não cessa de se escrever é necessidade.⁶

O impossível não se apresenta como completude, mas, ao contrário, como ruptura. Temos que nos afastar da ideia ontológica de que aquilo que nos engloba é um supra ser. É, ao invés, justamente um infra ser, é isso que nos faz dizer que o real é o susto e a surpresa, por exemplo, e que o imaginário, por sua vez, é o que a gente entende. No mundo, quando a vida não cabe, ela falta ou sobra. Apresenta-se como ausência ou excesso e, quando isso ocorre, perturba. Nessa hora se pede ajuda, pois as coisas não estão “redondas”. Esse alguém de quem se busca uma ajuda pode querer “concertar-nos”, ou trabalhar com algo que não seja imaginário.

Com o real não dá para ninguém trabalhar. Pode-se transformar o fantasma num ser, e transformar-se em um especialista em fantasmas. Porém, perde-se o fantasma. Todos os filmes em que alguém conversa com o espírito, por exemplo, o espírito perde a característica de surpresa. Quando se imagina o mundo de onde aquilo vem e suas regras, perde-se a surpresa do encontro com o novo ou desconhecido.

O que faz a psicanálise, então? Ela não trabalha com aquilo que se pode entender, tão pouco trabalha com aquilo que não se entende. A análise, nos termos lacanianos, buscará um trabalho com o simbólico. Que, dentro dessa perspectiva que trouxemos, é pensar que a vida que não cabe tem um tanto que fica na escuridão, e um tanto que se escreve de uma maneira que não tem sentido. É isso o que Lacan vai abordar quando tratar do simbólico.

Entre real e imaginário: Sobre a linguagem

Supomos, então, que na vida uma criança nasce e há um tanto de imaginário sobre ela. Existe uma expectativa sobre sua vinda e, no encontro entre essa expectativa e o susto que virá daquilo que não se espera, fica-se marcado. Essa marca não faz parte das imaginações que se tinha em relação a essa criança e nem do puro susto que acompanha seu aparecimento, a marca tem certa familiaridade. Ela não é a pura contingência, tem endereço, ainda que não se saiba o que ela é: Uma criança vem ao mundo e nos assustamos, uma voz aparece e diz: “É a cara do pai”. O que, a bem da verdade, é uma espécie de mentira. O pai ou a mãe vão ficar marcados por essa cena em que alguém importante diz isso, e ligam-se as coisas. Assim, um ponto de fixação surge exatamente naquela fala. Isso é o que chamamos há pouco de alguma coisa que se escreve. Quando alguém diz: “Tu és a cara do teu pai”, não é exatamente a fala o que se escreve, é a marca que ela produz. A criança com sua cara e a cara do pai, muitas vezes, não tem a ver, porém, uma operação como a de batizado é feita, de aliança entre real e imaginário. Não há a criação de um sentido novo, mas um tipo de amarração entre o que era susto, e o que era expectativa.

O problema que se coloca é o de como fazer o imaginário vestir o real. Tem-se uma imagem de como deve ser o filho e este não tem nada a ver com ela. Como fazer para que os dois fiquem juntos, imagem e filho? Uma cola.

É complicado, porque temos uma tendência a imaginar que no real ele se parece com o pai. É justamente aquilo que “não cabe” que estamos querendo nomear. O que não coube pode se atrelar ao que coube a partir de uma nomeação, marca - que é o termo que reservaremos para o que Lacan destaca como a função da senha, essencialmente o gesto do simbólico para Lacan na sua conferência inaugural.

“O simbólico é uma moeda cuja efígie gastou-se até se apagar, ou que talvez nunca tenha tido efígie alguma, que se passa de mão em mão em silêncio”. Essa é minha tradução para o verso de Mallarmé escolhido por Lacan para definir o simbólico neste momento de seu ensino. É exatamente a função da senha.⁷

A moeda não é a efígie, que remete a um imperador e a suas qualidades e poderes. Ela é esse material sem valor, esse material sem sentido em si que sustenta os sentidos, essa é a marca, essência do simbólico para Lacan. É esse traço que conecta isso que sobra ou fica de fora ou se escreve. Que resta residindo nesses mesmos traços, registros do encontro com o real. Em *Função e Campo*,⁸ Lacan fala exatamente desses registros e de como eles podem ser resgatados enquanto material de análise. A verdade pode ser sempre obtida porque ela está sempre escrita. Onde? Monumentos; inscrições que podem ser recolhidas e não podem ser destruídas; documentos de arquivo; lembranças de infâncias tão impenetráveis quanto marcas no corpo. Na evolução semântica. Nas lendas.

“- Nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem (...)

- Nos documentos de arquivo, igualmente esses são as lembranças a minha infância, tão impenetráveis quanto eles quando não lhes conheço a procedência;

- Na evolução semântica: e isso corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, bem como ao estilo de minha vida e meu caráter;

- Nas tradições também, ou seja, nas lendas que sob forma heroicizada veiculam minha história;

- *Nos vestígios, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e cujo sentido minha exegese restabelecerá*".⁹

Esse é o material privilegiado da análise.

Inicialmente a última coisa que uma análise pretende fazer, a partir de alguém que traz o imaginário, que está sofrendo com algo para o qual não tem solução, é trazer o real. Inclusive é essa a forma que a frase "Onde o isso era o eu deve advir" (*Wo Es war soll Ich werden*)¹⁰, é lida por Lacan. Ou seja, a estratégia da análise estará em inflar o imaginário até conquistar o real. Porém, não importa o quanto podemos tornar o imaginário inchado, não é este o material de trabalho da análise, porque a vida que não cabe sempre vai voltar. A proposta de Freud seria que entre um e outro, real e imaginário, há sempre algo que faz a cola, que amarra as coisas, enfim, o simbólico - este sim, o material da análise.

O que análise vai fazer não é mudar nem real nem imaginário, mas mexer nessa cola, recolocar isso. E ao fazê-lo teremos um novo agenciamento de real e imaginário. Num certo sentido, agindo pelo imaginário também se produz efeitos fortes. No imaginário se consegue algo novo, mas sempre a partir de sentidos já dados. O enfoque analítico deve ser com a escrita disso, nesse ponto se situa a diferença e, sob esse aspecto, a análise produz efeitos mirabolantes. Não é uma questão de intensidade, que de certa forma é imaginária: as coisas que não são imaginárias não são vividas com tanta intensidade. A intensidade do sentido para nós não faz tanta diferença. O importante é como se altera as bases de uma vida ou o texto de base que permite suas leituras. Quando se mexe nisso os efeitos não são tanto de intensidade quanto o são de originalidade.

É difícil passar a ideia do que seja o simbólico. Enquanto que do real podemos suspeitar desse além vida ou vazio, e do imaginário podemos dizer que é a vida que segue, cotidiana; para falar do simbólico nos serve a metáfora da escrita. Em um processo de análise temos a impressão de mexer com coisas que estão fixas e que não são sentidos. Por exemplo, não é por que se está em análise que alguém descobre que não gosta do pai. Mas pode acontecer de se chegar a uma cena onde esse pai é percebido de uma forma diferente e o sentimento ligado a essa percepção ser singular,

inédito. Essa cena, então, é que se torna o nosso trabalho e ela comporta um aspecto de rigidez, de imutabilidade. A cena em si não tem tanto sentido, na verdade, ao longo do percurso esse vai se perdendo e ficando como um resto.

Jaguadarte

Nesta poesia de Lewis Carroll tem-se todo o imaginário de um lado e, ao mesmo tempo, toda escrita do outro. A escrita não tem nada de imaginário. O que vemos acontecer ao ler a poesia é algo muito diferente do que se observa no delírio em termos de construção imaginária:

Jaguadarte

Era briluz.

As lesmolisas touvas roldavam e reviam nos gramilvos.

Estavam mimsicais as pintalouvas,

E os momirratos davam grilvos.

"Foge do Jaguadarte, o que não morre!

Garra que agarra, bocarra que urra!

Foge da ave Fefel, meu filho, e corre

Do frumioso Babassura!"

Ele arrancou sua espada vorpal e foi atrás do inimigo do Homundo.

Na árvore Tamtam ele afinal

Parou, um dia, sonilundo.

E enquanto estava em sussustada sesta,

Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,

Sorrelfiflando através da floresta,

E borbulia um riso louco!

Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta

Vai-vem, vem-vai, para tras, para diante!

Cabeça fere, corta e, fera morta,

Ei-lo que volta galunfante.

"Pois entao tu mataste o Jaguadarte!

Vem aos meus braços, homenino meu!

Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!"
Ele se ria jubileu. Era briluz.
As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.

Não se sente muita coisa. Se contássemos a mesma história com imagens e palavras provavelmente todos se emocionariam. A linguagem, na poesia, está sendo usada de uma maneira que não é trazendo o sentido, mas se afastando dele. Ao mesmo tempo, claramente, tem algo dele que transparece. Houve uma luta, um menino foi caçar um jaguadarte, matou e depois voltou.

O que sentimos aparece lateralmente nessa poesia. As histórias que existem, são desde antes de nós nascermos. Os sentidos são e estão todos no Outro e os vivemos por procuração. Tudo que vivemos, por mais original que possa parecer, não o é. Já foi vivido e vendido em cinco mil exemplares. Se fosse um menino da favela lutando por sobrevivência iria tocar alguns, se fosse uma princesa que perdeu tudo iria tocar outros, mas em ambos os casos iria tocar-nos a partir do que conhecemos. Costumamos escutar que algumas histórias tocam sem sabermos o porquê - E isso é mais interessante -, mas onde sabemos é onde a vida é. A vida é conhecida e está no Outro.

A poesia tenta mostrar que há alguma coisa na vida que não é o sentido e que ela traz como sendo certo jogo de linguagem. Exemplificando, assim, o que é o material de uma análise. O simbólico está mais nos registros que provocam os sentidos do que no sentido em si. Mobiliza toda uma história que pode emocionar ou não, porém, a história permanece ao largo da história. Quando lemos uma estória de contos de fadas esquecemos que são palavras que seguem certa sintaxe e certa pontuação...

Há uma arbitrariedade entre uma coisa e a outra. Não se sabe por que a palavra *trem* só tem quatro letras enquanto deveria ter 20, se fossemos levar em consideração aquilo que ela representa. A análise pretende mexer com a palavra *trem* enquanto essa palavra pequena e não grande. O material da palavra conta mais do que o sentido dela, ou passa a contar como algo para além dele. A análise é um lugar onde o imaginário não

é tudo e a linguagem é mais do que um veículo do sentido. Pois, na vida não se inscrevem só os sentidos, mas também marcas.

Ao pensarmos em uma modelo que vai posar para uma revista tendo sua imagem melhorada com *Photoshop*, onde todos os detalhes serão editados em prol de uma imagem perfeita, percebemos o quanto isso é o contrário do que estamos tentando demonstrar com o simbólico, pois isso não vai dar em originalidade, e sim em adequação, felicidade ou infelicidade. Não precisamos dizer que isso é horrível. Estamos tentando demonstrar que a vida não é uma manobra do *Photoshop*, mas, ao invés, marcas, rugas, escritas, e essas coisas tem seu poder de originalidade, sendo a massa de manobra de Freud e de Lacan. Freud trabalha com as rugas e não com a maquiagem. Os traços e as coisas que se escreveram guardam mais originalidade do que a beleza ou a tristeza. Ainda que em si não seja digna de simpatia, uma ruga conta a história de uma vida, por mais que história de fato não haja nela. Pois quando alguém a conta, o faz usando a memória. A ruga é o lastro dessa memória.

Ironizando: alguém que faz muita plástica perde a memória. Ao invés de lembrar-se das histórias de vida, lembra-se das plásticas que fez. Porém, de fato, sem um registro em algum lugar, é difícil manter a memória, pois não se tem um estoque de memórias infinito. A forma como se mobiliza certas histórias é sempre a mesma. Essa mobilização repetida não é garantida pelas memórias em si, pois sabemos que elas têm uma plasticidade grande. É o ponto que dá lastro a elas que garante o movimento que se pode fazer. Uma marca conta sempre a mesma história. Os registros guardam nossa singularidade mais do que nossas lembranças.

Quais são as maneiras de manipular esse material já que isso produz grandes efeitos? A ideia de se mexer num traço é muito diferente de se apagar uma imagem, por exemplo: Um cirurgião plástico operando a bolsa abaixo dos olhos mexe com a ruga. Os traços têm certo valor de efeitos diferente. Hoje somos capazes de retocar imagens, porém, a questão é: o que seria mexer com traços?

Podemos, nesse caminho, pensar o que faz o psicótico, o cientista e o psicanalista.

Caos

Para esse caminho consideremos o real como furo, ou seja, como aquilo que não coube e que é *intra* não *supra* como falamos no começo.

Então, teremos de um lado furo, isso que chamamos de real, e do outro o texto, uma representação. Logo, a relação entre o real e aquilo que fala dele no mundo, a imagem. Furo de um lado e sentido de outro.¹¹

Viver sem furo, no entanto, é impossível. Estamos entrando na ambigüidade que o termo castração abarca tanto em Freud como em Lacan. Castração é tudo que nós não queremos. Refutamos a ideia de cair num vazio, mas, ao mesmo tempo, não se pode viver sem esse furo. Não se está acostumado a pensar que a castração seja ‘a alegria dos homens’, de fato, todo mundo nega a castração. Porém se chamarmos o furo de castração, o fato de a vida ‘não caber’ é para nós o que há de pior e melhor. Pois a vida que cabe toda é uma vida morta e a vida que é totalmente descabida é morta também. Apostamos no intervalo entre conhecimento e perda. Se castração é o nome da perda, tudo que queremos é não estar demasiadamente perdidos. Se a castração é interdição, tudo que queremos é se perder, mas ao mesmo tempo, também, não muito.

Poder constituir alguma coisa que vai dar em uma estrutura sem que se recorra ao furo, seria um trabalho basicamente com imagens. Destaca-se uma imagem como fundadora, numa espécie de arquitetura dos sólidos: o pai e a mãe e deles vem uma criança. Tem-se uma grande estrutura montada em cima de duas coisinhas. Essa montagem é muito sólida e é idêntica à estrutura do delírio no sentido de uma construção imaginária. É uma estruturação onde você não tem furo. O que se tem é algo que é fundador. Quando a vida for maior que essa estrutura, teremos um problema. Quem convive com psicóticos paranoicos sabe que é assim. Dependendo dos elementos imaginários fundamentais - quando nos deparamos com alguém que conhecemos tempo suficiente para saber quais são esses elementos vemos que - se eles desaparecem a estrutura cai e se torna preciso construir outra. E pode-se ficar perdido nessa tentativa de construção sem, nem ao menos, perceber se existe uma estrutura. Por outro lado, devemos imaginar como isso pode ser sólido. Basta-nos, então, o exemplo das pirâmides como ilustração: suas paredes se sustentam sem que haja qualquer cola entre pedras

que a compõe - e este é o papel deste furo que estamos tentando entender. Não há cola (leia-se: furo) e não se mexe, ou melhor, se sustentam, de pé, por séculos, até hoje.

Não pensemos que o delírio é uma coisa frágil, pelo contrário, ele é tão rígido que com o impacto certo desaba por completo (tal qual ocorreria às pirâmides). Isso é a experiência com o paranoico: alguém com um delírio bem montado e estruturado, a partir do qual é impossível mexer em seu mundo. Diferente da experiência frequente da psicose, onde se tenta incessantemente montar algo sem êxito, nos dando a impressão, devido ao incansável esforço, de que essa montagem seria algo frágil.

Quanto à construção neurótica, a sustentação da sua estrutura se dá a partir de uma origem na qual se encontra um fundador que é desconhecido, foi assassinado. Ele não viveu o suficiente para trazer sua mensagem. Em algum lugar existe um superantepassado que vai explicar tudo isso, ou ainda, alguém no futuro que explique o que está acontecendo agora. É o Pai, ou, o nome-do-pai, o nome daquele que originou isso tudo e tem o segredo do porque tudo está tão bagunçado. Enquanto ele não vem, seguimos a vida acreditando que um dia haverá uma explicação. A crença é o que mantém a estrutura neurótica em pé.

Uma coisa é cada bloco da estrutura no seu próprio lugar a mantendo em pé. Outra é dizer que a estrutura é plástica, uma bagunça, mas em algum lugar existe algo que vai dar ordem a tudo. O que, na verdade, faz com que ela continue sendo uma bagunça, com a diferença de que todos acreditam na sua força.

Não é assim o neurótico?

O quarto bagunçado do adolescente, por exemplo: “Eu me acho na minha bagunça”. Isso só é possível se ele acreditar que aquilo diz alguma coisa dele que seus pais desconhecem completamente, mas que, em algum lugar, alguém conhece. São essas crenças absurdas que nos fazem viver.

Como a relação entre irmãos. O que a faz existir senão a crença de que há uma irmandade entre eles? Essa crença constrói e sustenta o laço. Teremos outra coisa ao imaginar essa relação sem a crença: “enquanto nós jogamos bola juntos somos irmãos ao acabar o jogo acabou a fraternidade”. Isso é uma relação imaginária que tem seu uso. Diferente da relação que passa por uma crença que constitui laço, e que é o cerne do texto “Psicologia das Massas e análise do ego”¹² ou de “Totem e Tabu”.¹³

Lacan chama várias vezes essa crença de simbólico, no entanto, não é ela o que estamos chamando de simbólico aqui. Quando Lacan fala de pacto simbólico, entendamos que é o pacto neurótico, que acredita que tem alguma coisa maior que nós e que nos sustenta o ser, uma espécie de vazio. Estamos usando o Lacan do começo, do meio e do final, mas privilegiando o simbólico como letra e traço.

Vazio

Para ajudar a organizar as ideias trazidas até aqui, uma maneira de pensar esse ponto vazio que estaria na origem, é pensar um quadro representativo. Ele tem um ponto de furo que organiza imagem. Como aprendemos, por exemplo, em história da pintura sobre a descoberta da perspectiva: ficar longe ou perto de um objeto retratado só é possível se este está referido a um ponto qualquer no plano cartográfico. Um ponto invisível tanto para quem pinta como para quem observa a pintura pronta. Assim é o nome-do-pai para nós: a crença de que em algum lugar, alguma coisa organiza a experiência. Nossa realidade de todo dia não é o real em si. Ela é delimitada pelas lentes, os óculos de leitura com os quais podemos estar no mundo sem se afogar no excesso de estímulos que ele seria sem esse equipamento. Ela se organiza, portanto, como um recorte, uma exclusão que permite que o mundo seja possível. E isso que se exclui jamais será alcançado, pois é sua exclusão que nos constitui. Dito em termo RSI: O imaginário se organiza em relação a um ponto no infinito.¹⁴ Esse ponto no infinito foi inicialmente chamado por ele de pai e aquilo que na linguagem o encarna, chamou de Nome-do-Pai.

Posto dessa forma soa absurdo, mas é a grande parte de nossas vidas atualmente. Por exemplo, contratos do tipo: se você fizer essas coisas você é pai, se não fizer você perde a guarda de seu filho. Isso é o pai hoje. Vivemos num mundo imaginário, porque ele trabalha por blocos. Um pai pode ser apenas aquilo que segue um contrato. Estando sujeito a poder ouvir do próprio filho uma fala tal como: “Você não é meu pai porque você está faltando nesses ou naqueles pontos”.

Tentem imaginar isso numa conversa com um doido - já que ele está tentando produzir algo sem furo. No final, a nossa lógica que é falha e inconsistente. Pois temos sempre um ponto de fé em algum lugar. Um ponto de fé em Lacan, por exemplo. Sem essa fé tudo isso soa meio estranho.

O eixo imaginário de Lacan é um laço sem furo. Um modo possível de se entender isso é o contrato de prestação de serviço, mas poderia ser qualquer outro. À analogia do que faz o obsessivo. Ele tem vários contratos com vários amigos para que não haja nenhuma relação de amizade que evoque o pai. Dessa forma, com determinadas pessoas joga bola, com outras joga *poker*, com essas vai pra cama, etc. Faz relações contratuais para justamente não se encontrar com esse além. Ele não acha que o além está vazio. Ele acha que lá se encontra o pai da horda primitiva. Essa vivência do orangotango faz com que ele apele para esses 'contratos'.

O delírio faz laço social da mesma forma. Quando um médico interna um sujeito delirante este provavelmente perguntará o porquê e argumentará com o médico dizendo que ele não tem o direito de fazer isso, e vai demonstrar que ele está fazendo isso sabe-se lá a razão... Ou seja, frente à certeza delirante, qualquer despreparado pode ter todas as suas abaladas.

Lacan deu ênfase ao fato de que o imaginário não serve ao trabalho analítico,¹⁵ e marca que é preciso certo furo para se poder viver. Podemos considerar que nas relações imaginárias sempre há algo de furo, pois uma relação puramente imaginária não se sustenta. O contrato que caracterizamos, por exemplo, é feito em maior parte do imaginário e apenas uma pequena parte de simbólico. Portanto, o nome-do-pai é também permeado de imaginário, mas utiliza-se do furo como algo que reúne as partes.

A análise vai trabalhar com o simbólico. Estes traços que funcionam como furos na malha do sentido, furos que o Nome do pai vem sustentar que é uma falta, a falta de um gozo ou um saber que nos completaria. Este furo, feito falta pelo Nome do Pai, na clínica chamamos com Lacan de sujeito suposto saber (S.s.S), que significa essa crença que tentamos esboçar aqui: que alguém tem a chave do meu problema. Ou seja, da bagunça da minha vida alguém sabe e vai poder explicar. E é assim que se costuma chegar à análise. Com interrogações que serão direcionadas a um outro e evaporadas para, a princípio, voltarem como respostas. Isso é a base clássica dessa chegada em análise. Supõe-se a crença na existência da resposta. Supõe-se esse S.s.S como uma função divina tal qual nos aponta o Seminário 23 no sentido de um ponto cego no infinito.¹⁶

No desenrolar do processo analítico, o dispositivo criado por Freud vai fazer cair fragmentos daquelas respostas que se buscam no início do mesmo. Ou seja, não se

encontram exatamente respostas, e sim cenas, traços. No entanto, tal trabalho só é realmente possível se, após acionado enquanto S.s.S., o analista sustenta os efeitos eróticos desse acionamento e consegue não responder com imaginário as demandas do paciente. Dois equívocos são possíveis da parte do analista. O primeiro é ele não sustentar o erótico que aparece e o outro seria ele ensinar o que fazer.¹⁷

Tem-se que assumir que na situação analítica há toda uma violência: o erotismo, por exemplo, e, ao mesmo tempo, o não dar respostas. Então coisas vão começar a ser lançadas para cima. E essas coisas quando vão para o lugar de Deus caem formando estilhaços, pedaços se quisermos exagerar a metáfora. Tentem pensar concretamente: quando na análise começa-se a falar de situações de angústia e com elas a pensar em outras coisas. Se o analista diz: “essas coisas não. Vamos pensar só no que tem a ver com você”. Não funciona. A base do dispositivo é assumir que o que vier veio bem. Voltaremos a isso em seminários posteriores.

O pai que era buscado, aquele com as respostas, não é encontrado. Mas, essa busca traz cenas, pedaços, estilhaços. E a resposta que se pode encontrar neles não é bem uma resposta, é algo que não encaixa, que resta incompreensível. Isso ocorre porque, uma vez que a resposta não é dada e ainda assim continua-se a jogar o jogo, ao invés de imagens começam a aparecer letras. Afinal, quando se oferece uma resposta esta traz de volta as imagens e quando se deixa de jogar o jogo, nada acontece. O que aparece, então, o que estamos chamando de letras, são as produções que o paciente fez para explicar o buraco. Ou seja, que fizeram laço entre real e imaginário. Em qualquer análise vê-se que as cenas fundamentais, sonhos, nunca fazem sentido. Quando se prescinde do imaginário aparece o que o estava sustentando.

Por exemplo, quando a histérica dizia a Freud que estava sofrendo muito e ele lhe perguntava o porquê, sempre aparecia um adulto abusador (ainda que este de fato não o fosse). São cenas que não encaixam e que não contam grandes histórias. A menina burguesa de Viena¹⁸ tem um vizinho que quer trocá-la com a esposa. Isso não encaixa. Fala mais do casamento entre imaginário e real do que a família feliz, e escreve algo dessa relação confusa entre ambos. É só não ficar demais no imaginário que começam a aparecer essas inscrições, o motor da análise.

Dessa forma, se aposta no material da palavra. Quando, por exemplo, tem um jogo de linguagem que geralmente é válido e o analisando o faz. Isto é a base do que Lacan trouxe, ou seja, a conexão pelo significante.

¹ Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 51.

² *Ibid* p. 45.

³ Derrida, J. *La voix et le phénomène: Introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl*, Paris, Quadrige, 1993, p. 89.

⁴ Badiou, A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 32.

⁵ Cf. Lacan, O Seminário, Livro 20, mais, ainda, Rio de Janeiro, JZE, 1985, p. 127. Para um comentário sobre o contingente o possível e o impossível no ensino de Lacan, cf. Cf. Mandil, R. "Possibilidade", *A ordem simbólica no Século XXI, Belo Horizonte EBP/Scriptum*, 2011, pp. 305-307.

⁶ Para saber mais sobre os conceitos apresentados neste parágrafo, cf. Lacan, J. (1972/73) Seminário 20: mais ainda. Rio de Janeiro: JZE, 2008, especialmente o capítulo "O saber e a verdade".

⁷ Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005, pp. 24 e 27.

⁸ Lacan, J. Função e Campo da fala e da Linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁹ Lacan, J. Função e Campo da fala e da Linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998. p. 260-261

¹⁰ Cf. Lacan, J. (1955). *A coisa freudiana – Ordem da coisa*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998. p. 418.

E/ou ainda: FREUD, S. (1933[1932]). *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. Em: ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol XXII.

¹¹ Temos um problema de tradução com relação a *Vorstellung*. O melhor termo para o imaginário seria representação (ou sentido, como tentei marcar). Contudo, Freud fala de *Vorstellung* e freqüentemente o puxamos para o simbólico. Aquilo que a gente lê em Freud como representação, um termo clássico de filosofia, é muito mais próximo do significante. Lacan quer demonstrar que quando Freud falou de representação ele estava falando de traços, pois isso que é o essencial da análise. Quando Freud procura os detalhes de sonhos, são os traços que lhe interessam. Não as imagens dos sonhos, sendo isso a desavença entre ele e Jung.

¹² Freud, S. Psicologia de Grupos e Análise do Ego. Em ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVIII

¹³ Freud, S. Totem e Tabu. Em ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIII

¹⁴ 'Regnault, f. "o Nome-do-Pai", *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, pp. 80-92. Para a cultura como exclusão fundadora cf. Vieira, M. A. *Restos, uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro Contra Capa, 2008, p. 20.

¹⁵ Lacan, J. (1953) "O simbólico, o imaginário e o real", *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005. p.21-23.

¹⁶ O Nome do Pai é o pai morto de *Totem e Tabu*; é o pai como elemento de incerteza essencial, pura fé na tradição ou em outros termos, no simbólico. Cf. Lacan, J. *O seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, pp. 20-26 e 36. Cf. Ainda *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 562.

¹⁷ Algo do tipo: "Claro eu sou seu deus, mas eu sou padre"... Ou "Eu sou deus e nós dois juntos vamos olhar para sua vida e você vai partilhar da minha divindade olhando de cima sua vida e depois você volta a terra para executar sua missão". A Histérica é ótima para falar sobre isso. Numa semana está tudo ótimo e quando ela volta está tudo péssimo. Mas como pode se havia sido construído algo tão bom? Quem está mais na crença do imaginário vai começar a fazer um delírio a dois. Um grande edifício psicanalítico, um edifício bonito, que, contudo, não dá certo, pois ficam os dois presos na explicação.

¹⁸ Freud, S. (1905) *Fragmento de análise de um caso de histeria*. Em ESB. Rio de Janeiro. Imago, 1996. Vol. VII.